

A FORMAÇÃO INTEGRAL DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE: POSSIBILIDADES PARA A HUMANIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA¹

Formação profissional: possibilidades para a humanização da assistência

Elizabeth Esperidião *
Denize Bouttelet Munari **

RESUMO

Estudo teórico que teve como objetivo refletir a formação dos profissionais de saúde tomando por base as Diretrizes Curriculares Nacionais para os referidos cursos, de acordo com as propostas do Ministério da Educação. As tendências na área da educação, como um todo, sugerem que a formação profissional seja focada não apenas nas competências técnicas, mas no desenvolvimento de competências relacionais, bem como em atitudes e valores que considerem princípios ético-humanísticos. A análise das referidas Diretrizes Curriculares nos permite afirmar que há um forte movimento para a formação dos recursos humanos para a saúde, fundamentada no referencial ético-humanista, contido na essência do documento que orienta a reforma curricular em todo o Brasil, constituindo-se num dos grandes desafios para transformar a prática desses profissionais e, conseqüentemente a assistência em saúde.

Palavras-chave: Educação. Diretrizes curriculares nacionais. Recursos humanos. Humanismo.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A condição de docente por mais de vinte anos, nos permite afirmar que a formação dos profissionais de saúde tem privilegiado o conhecimento técnico-científico, limitando-se aos ensinamentos relativos ao fazer. Por outro lado, já despontam em algumas instituições de ensino iniciativas que visam romper com a ênfase da tarefa em si, no sentido da produção concreta e operacional.

É evidente a importância do desenvolvimento de habilidades técnicas necessárias ao exercício profissional na área da saúde, principalmente, de especialidades quando a tecnologia é cada vez mais desenvolvida e faz parte do cotidiano. No entanto, chamamos a atenção para a importância do preparo da pessoa, enquanto ser total, durante o processo de formação acadêmica, de modo a garantir o seu fortalecimento emocional, haja vista a constante exposição dos alunos das diversas áreas da saúde à situações ansiogênicas,

decorrentes das especificidades da atividade ocupacional, das condições de trabalho, das quais são sujeitos e que, inevitavelmente, interferem no seu ofício.

Machado et al. (1997) alertam sobre a necessidade de mudanças no ensino das profissões, na medida em que há sinais de esgotamento nos atuais modelos de formação e capacitação de recursos humanos em saúde. Acreditamos que os educadores devem rever a prioridade dada, quase que estritamente à qualificação técnica, possibilitando o desenvolvimento, entre outras, da competência interpessoal de seus alunos para aprender a aprender, a refletir criticamente, a solucionar problemas, dando-lhes subsídios para transitarem bem equipados nas relações que estabelecerem ao longo de sua trajetória de vida, seja pessoal ou profissional.

Neste aspecto, Moraes (1997) afirma que a mudança de paradigma na assistência em saúde implica também em oferecer aos futuros profissionais uma prática pedagógica com visão de totalidade, com a responsabilidade e a

1 Trabalho vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisa em Saúde Integral da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás (NEPSI/FEN/UFG).

* Enfermeira e Psicóloga Gestalt-terapeuta. Professora Doutora da FEN/UFG.

** Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora da FEN/UFG.

preocupação de provocar interações e relações dos alunos consigo mesmos, com seus semelhantes, numa complexa teia de inter-relações pressupondo a compreensão da existência de conexões que ajudam a compreender o significado do contexto.

Acompanhando esse movimento, observamos no Brasil um período de mudanças também nas bases dos currículos na maioria dos cursos de graduação e licenciatura, cujas discussões foram sistematizadas pelas Comissões de Especialistas de Ensino de cada área, tendo início a partir de 1997, sob a coordenação da Secretaria de Educação de Ensino Superior (SESu-MEC) em articulação com o Fórum Nacional de Pró Reitores de Graduação, com o objetivo de conferir legitimidade ao processo de reformulação curricular. Assim, foram elaboradas as resoluções específicas para cada curso instituindo as respectivas diretrizes curriculares a fim de contribuir na organização curricular das Instituições do Sistema de Educação Superior do país (BRASIL, 1998).

Especificamente, para os cursos da área da saúde, as Diretrizes Curriculares norteiam o perfil do formando /egresso primando pela tendência em valorizar os aspectos ético-humanistas na capacitação de competências, nas habilidades gerais e específicas, na perspectiva da integralidade da assistência, com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania, como promotor da saúde integral do ser humano (BRASIL, 1998).

Por estarmos envolvidas na construção de uma nova proposta curricular na Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás (FEN/UFG), há aproximadamente três anos, onde os docentes têm discutido em profundidade essas questões, nos sentimos motivadas a adentrar em alguns aspectos que se constituem grandes desafios na implementação de mudanças curriculares. Embora tratemos, particularmente de reflexões atinentes à enfermagem, acreditamos que é igualmente difícil e dilemático para os demais cursos da área da saúde.

Observando o desenrolar desse processo em outras unidades acadêmicas da Universidade Federal de Goiás que abrigam cursos da área da saúde, verificamos que, muitos desafios se colocam quando é

necessário o rompimento de paradigmas, especialmente, quando se trata da postura de educadores que foram formados e aprenderam a ensinar no modelo tradicional. Parece-nos que as dificuldades são maiores para os profissionais que compreendem o saber como um ato concreto e cravado na lógica causa-efeito e ainda, quando envolvem questões relacionadas à flexibilidade, valorização da dimensão ético-humanista e à potencialização da interdisciplinaridade.

O diálogo necessário para se buscar a articulação de propostas curriculares, conforme as sinalizadas pelo Ministério da Educação, que consideram tais pressupostos, nem sempre é possível e, muitas vezes, é reduzido mais uma vez na fragmentação de idéias e pontos de vistas que acabam refletindo na concretização dos currículos.

Neste sentido, a idéia da construção de um projeto político-pedagógico se resume, geralmente, na “maquiagem” de antigos currículos, não passando mais uma vez, de um projeto oficialmente posto, sem muitas condições de ser, de fato, transformador no processo de saúde, como postulado nas resoluções do Ministério da Educação (BRASIL, 1998).

Partindo dessas afirmações, nos propusemos no presente artigo a fazer uma reflexão a respeito das possibilidades de pensar a formação integral dos profissionais de saúde, tomando como base as contribuições da abordagem humanista e a nossa tentativa de aplicação dessa para tornar concretos os princípios presentes nas diretrizes curriculares.

Refletindo a formação da pessoa

Entendemos que, simultaneamente ao preparo técnico-científico de qualquer profissional da área da saúde, é necessário criar oportunidades para que as questões voltadas ao autoconhecimento, comunicação, relacionamento intra e interpessoal sejam discutidas e experienciadas durante o período que passa no meio acadêmico. É urgente que sejam desenvolvidos processos de formação, no âmbito das universidades, que estimulem a capacitação permanente, a criatividade e a utilização de tecnologias capazes de instrumentalizar o futuro profissional para estabelecer relações que sejam satisfatórias

tanto para ele próprio como para os clientes por ele assistido (BOURGUIGNON et al., 2003; MERHY; FRANCO, 2003).

A partir dessa concepção, as possibilidades de torná-los mais comprometidos e responsáveis com o atendimento dispensado às pessoas e de resgatar a sua própria humanidade são ampliadas e mais garantidas (ESPERIDIÃO; MUNARI, 2000).

Esse processo culmina, na nossa compreensão, por favorecer a humanização da assistência, aspecto que vem sendo amplamente discutido nos espaços assistenciais, acadêmicos e gestores da saúde.

No Brasil, o Ministério da Saúde criou o Programa Nacional de Humanização Hospitalar (PNHAH), que vem trabalhando para nortear projetos de assistência hospitalar humanizada, buscando uma melhoria no atendimento ao usuário do sistema de saúde. Tem havido grandes movimentos em prol desde objetivo e em setembro de 2004 ocorreu, em Brasília/DF, o “1º Seminário HumanizaSUS”, promovido pelo Ministério da Saúde, que teve por objetivo reunir ações de humanização de todo o país para que as experiências pudessem ser partilhadas e mutuamente conhecidas. Nessa ocasião, que agregou profissionais de várias formações, houve a discussão de um grande número de ações que vem sendo desenvolvidas de acordo com as metas do PNHAH, trazendo além de uma melhoria no atendimento hospitalar, medidas profiláticas de qualidade de vida, questões atinentes ao envolvimento e preparo das pessoas que oferecem assistência, além de possibilidades de mudanças de pensamentos já cristalizados na sociedade (BRASIL, 2003).

Apesar das muitas dificuldades políticas e socioeconômicas, que interferem diretamente na área da saúde podemos observar que várias atitudes vêm sendo tomadas em prol da humanização da assistência hospitalar. Acreditamos que tivemos alguns avanços que favorecem, principalmente, o usuário do Sistema Único de Saúde (SUS), na medida em que cada vez mais, pode ser visto em sua complexidade, dentro de um contexto humanizado e de totalidade humana.

Temos verificado com frequência a presença de temas ligados ao relacionamento interpessoal, gestão de pessoas, comunicação,

autoconhecimento, entre outros, nos eventos regionais e nacionais do setor saúde, da educação e também na área organizacional buscando priorizar a excelência das relações humanas, diferentemente de tempos, não tão distantes, quando os mesmos privilegiavam, nas suas programações, quase que exclusivamente assuntos específicos da sua área de conhecimento e voltados à tecnologia de recursos materiais.

Nessas oportunidades, a exemplo do que presenciamos no 8º Seminário Nacional de Educação em Enfermagem (SENADen), evento promovido pela Associação Brasileira de Enfermagem, na cidade de Vitória, em 2004, a oficina que tratava de questões relativas à humanização da assistência foi uma das mais concorridas e seus participantes mostravam interesse em avançar, especialmente, no âmbito das competências interpessoais dos trabalhadores da saúde, procurando discutir estratégias para sua efetiva implementação.

Desta maneira, podemos dizer, que estamos diante de novos referenciais e paradigmas na ciência, quando a partir da tendência na valorização dos aspectos relativos à existência humana, há uma tentativa de se resgatar a essência da pessoa, influenciando no modo de pensar e agir de cada um, e ainda, vindo a propiciar, no exercício profissional, uma abordagem mais humanizada, sistêmica e integradora.

Na educação, em particular, vários autores têm destacado a importância do desenvolvimento das relações interpessoais na composição do processo de ensino-aprendizagem, a fim de instrumentalizar o aluno para trabalhar no campo da saúde, valorizando também atitudes, posturas e características pessoais inerentes ao ser humano, por décadas desconsideradas na esfera assistencial (ROGERS, 1985, 1992; REMEN, 1993; PESSOTI, 1996; ESPERIDIÃO; MUNARI, 2000; MARTINS, 2001; ESPERIDIÃO, MUNARI; STACCIARINI, 2002; ESPERIDIÃO, 2003).

Morin (2001) lembra que o objetivo da educação é criar no aluno um estado interior e profundo que o oriente num sentido para sua vida, contribuindo para a autoformação da pessoa, de modo que o possibilite assumir sua

condição humana, ensinando-o a viver e a se tornar cidadão.

Nesta ótica, é preciso respeitar e considerar integralmente as pessoas seja na condição de cuidador ou de cliente que recebe o cuidado. Ao sermos vistos na totalidade, enquanto seres humanos, nos aproximamos também no exercício profissional, da condição humana de quem cuidamos, relacionando-se de forma inteira e integral (ESPERIDIÃO, 2001).

Desta forma, temos a convicção que as instituições formadoras, partindo da compreensão que são compostas por pessoas que preparam pessoas, têm muito a contribuir no processo de formação integral do ser, seja ele com demandas pessoais ou profissionais, numa perspectiva, portanto de totalidade, possibilitando integrá-lo e transcendendo qualquer uma de suas dimensões, caracterizando, de fato, uma postura dialógica, com fundamentação holística. Behrens (2000) destaca que compete à universidade oferecer a formação humanística em função das exigências do mundo contemporâneo, considerando especialmente a grande massa de jovens que nela circula e estão em pleno crescimento.

Segundo este raciocínio, consideramos que a abordagem humanista na educação é uma possibilidade de repensar a natureza do homem e suas potencialidades contextualizando e interligando o conhecimento nas relações que estabelece. Neste sentido, estaremos atendendo às Diretrizes Curriculares para os cursos de Graduação, que contemplam em suas propostas, implícita e explicitamente este referencial filosófico (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2001).

Entretanto, a partir de nossa experiência, vimos que aquele que cuida, geralmente, deixa em suspenso sua própria dimensão pessoal e assim, desapropria-se do seu universo interno, descaracterizando seu lado genuinamente humano. Tal situação, muitas vezes, é incentivada por meio da postura dos docentes, sob o reflexo do modelo em que foram formados, pela filosofia do ensino, e também pelo contato que o acadêmico faz ao longo da sua formação com os profissionais de saúde presenciando atitudes de distanciamento nos atendimentos, reforçando a idéia da

necessidade de afastamento da sua dimensão pessoal no cuidado com o outro.

Defendemos, entretanto, a necessidade de certo envolvimento para a assistência ser de fato integral e humanizada, desde que de forma madura e consciente. Esse envolvimento é possível de ser aprendido, a partir do momento em que seja apresentada aos alunos, oportunidade de experienciar situações que favoreçam o desenvolvimento de suas competências interpessoais.

A literatura assinala importantes contribuições para diretrizes no futuro, dizendo que o novo panorama delinea o perfil do profissional como o de uma pessoa capaz de investir no seu autoconhecimento, sendo ágil e criativo na resolução de problemas, além de demonstrar habilidades nas relações humanas (BRANDÃO; CREMA, 1991; WEIL, 1993; GREINER; VALIGA, 1998).

Na condição de educadores, ao não favorecermos tais potencialidades ao educando, estaremos contribuindo para conferir um caráter de impessoalidade em temas eminentemente pessoais, ou seja, não podemos desmerecer conteúdos intrinsecamente ligados à competência interpessoal, que se volta necessariamente ao autoconhecimento, ao contato com sentimentos e emoções próprias do ser humano, também quando na condição de cuidador.

Acreditamos, dessa maneira, que a assistência só poderá assumir um caráter humanizado, se forem considerados os aspectos humanos na relação.

Delineando um caminho

A necessidade da ênfase no cuidado da formação da pessoa do profissional de saúde vem sendo apontada por alguns estudos que também acusam algumas resistências, mesmo entre aqueles que se propuseram a implementar mudanças na relação dialógica e de cuidado entre os agentes da aprendizagem (REMEN, 1993; ROGERS, 1985; 1992; PESSOTI, 1996; ESPERIDIÃO; MUNARI; STACCIARINI, 2002).

No entanto, ressaltamos que esta é uma possibilidade no fortalecimento do exercício profissional, não raramente permeada por sentimentos de perda, dor, insegurança, medo, todos inerentes ao campo da assistência em

saúde. Diante dessas considerações, salientamos a necessidade de ampliar a formação como um todo, de forma articulada a fim de preparar a pessoa do profissional, como um instrumento do cuidado humanizado (ESPERIDIÃO; MUNARI; STACCIARINI, 2002).

Para tanto, é preciso propiciar, no contexto acadêmico experiências que se tornem significativas e se constituam de aprendizado para se levar a cabo ao longo da carreira escolhida. Neste sentido, em estudos anteriores destacamos que as relações estabelecidas entre professor e aluno são férteis e podem ser de inestimável valor como referência de conduta ou atitudes quando se depararem no exercício profissional. Esses aspectos foram corroborados por relatos de acadêmicos do curso de enfermagem, indicando que a atuação e o comportamento do docente influi, sobremaneira, nas emoções que experimentam durante o curso e, conseqüentemente no seu amadurecimento enquanto pessoa (ESPERIDIÃO, 2001, 2003; ESPERIDIÃO; MUNARI, 2004).

Nessa perspectiva, Geib (2001) sugere que o processo de formação profissional deve preparar o educando para cuidar do ser humano, a partir da educação vivenciada nas relações entre quem educa e quem é educado, potencializando as relações cuidativas, havendo necessidade de abrir espaço para o sensível, o convívio e a troca, sem descuidar da competência técnica e científica. Assim a dimensão dialógica é contemplada, numa concepção transformadora e emancipadora, que envolve as necessidades de educação e cuidado de seres cuidadores atuais e potenciais.

No referente à formação da pessoa, a Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI propõe que a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais, que ao longo da vida do indivíduo serão os pilares do seu conhecimento: aprender a conhecer, que visa adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, a fim de adquirir não somente uma qualificação profissional, mas de uma maneira mais ampla, competências para agir sobre o meio; aprender a viver juntos, buscando a compreensão do outro e preparando-se para gerir conflitos, a partir do respeito ao pluralismo; e aprender a ser que

traz a concepção do desenvolvimento total da pessoa, de modo a poder decidir por si mesma nas diferentes circunstâncias da vida, com autonomia, discernimento e responsabilidade pessoal (DELORS, 2000). Nesse sentido, o autor considera que quando a educação é vista como um todo, e sendo assim organizada passa a cumprir seu papel na integração da pessoa tornando os seus pilares do conhecimento, ao longo de toda vida.

Estas afirmações trazem a idéia de processo de formação permanente, que vai além das necessárias adaptações da vida profissional, devendo ser encarada como uma construção contínua da pessoa, de seus saberes e aptidões e de sua capacidade de discernir e agir (DELORS, 2000). Nesse movimento, portanto, está explícita a idéia de dar novo valor à dimensão ética e cultural da educação, facilitando, ao futuro profissional, os meios de compreender o outro, na sua especificidade, e de compreender o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de constatações advindas da prática docente quando verificávamos dificuldades pessoais de alguns alunos, especialmente, diante dos atendimentos àqueles que precisavam de ajuda, fomos percebendo a necessidade de instrumentalizá-los de forma ampla tanto para o desempenho profissional como pessoal, ou seja, para o seu posicionamento diante da vida.

Desta forma, continuamos sustentando a idéia da integração do ser-pessoa, como cuidado na formação dos profissionais de saúde, fundamentada em princípios educacionais que ofereçam uma prática pedagógica com visão de totalidade, não apenas no discurso teórico, mas buscando implementá-la, no cotidiano acadêmico, procurando incorporar tais pressupostos com vista a cumprir seu papel na educação integral.

Consideramos ímpar o momento histórico que estamos vivenciando, na medida em que tanto os educadores como os profissionais de saúde têm estado atentos às necessidades emergentes no modelo assistencial à saúde, haja visto a crescente discussão acerca da humanização da assistência, que favorece a reflexão de aspectos existenciais e sua

repercussão no dia a dia das pessoas que se propõem a formar pessoas.

Sinalizamos alguns avanços também na educação, mais especificamente, no ensino de 3º grau, dada a presença marcante de princípios ético-humanistas na maioria das Diretrizes Curriculares dos cursos de graduação da área da saúde, que apontam esse referencial filosófico como norteador das ações profissionais de seus egressos.

As dificuldades são inevitáveis e inerentes à processos de transição, particularmente, quando abrange aspectos subjetivos do ser humano, relacionados também à valores, conceitos e atitudes impregnados na maioria de nós, profissionais da assistência e do ensino, que de um modo geral, tivemos uma formação tradicional. Tal situação traz implicações nem sempre fáceis de serem vivenciadas na nossa prática profissional.

No entanto, nossa experiência, voltada à essas questões no universo acadêmico, nos faz acreditar que existem possibilidades de enfrentamento dos obstáculos. Temos participado dos grupos de discussão com vistas à elaboração do projeto político pedagógico do curso de Graduação em Enfermagem na Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás, que tem nos dado a oportunidade de presenciar momentos de trocas de experiências e obter depoimentos muito ricos que visam superar as dificuldades ao se implementar propostas fundamentadas em pressupostos ético-humanísticos, muitas vezes distantes da vivência do cotidiano acadêmico.

A análise e reflexão do papel do professor que ampare a formação profissional em base humanista, requerida pelas novas propostas do Ministério da Educação, requer também preparo do educador, no sentido de assumir postura crítica diante das demandas atuais.

Nessa perspectiva é que desenvolvemos, ao longo da nossa trajetória de pós-graduação, estudos com as pessoas envolvidas no processo de formação do enfermeiro, alunos e professores, dando ênfase, mais recentemente à análise das Diretrizes Curriculares do Ministério da Educação e o respectivo envolvimento do docente nesse processo, que deixam clara a preocupação com a solidariedade e cidadania, com o saber conviver, com o aprender a ser e o aprender a viver juntos, elementos que constituem a essência do humanismo e da ética como mola mestra do comportamento humano.

Baseados em alguns resultados dessas investigações e ainda sob as ponderações delas decorrentes é que podemos afirmar que ainda temos um longo caminho a percorrer, com muitos desafios a serem vencidos, considerando-se que mudanças de atitudes envolvem muito além do cumprimento de normas instituídas ou reformas curriculares implantadas.

Precisamos investir na discussão destas idéias e, acima de tudo, criar oportunidades para que sejam experienciadas a fim de partirmos para ações concretas no sentido de alcançarmos o que tem se despontado como uma necessidade na assistência à saúde.

Basta ousar ou, pelo menos tentar, para começar.

THE HOLISTIC HEALTH PROFESSIONALS' FORMATION: POSSIBILITIES FOR HUMANIZATION OF THE CARE

ABSTRACT

This is a theoretical study that aims to discuss about health professionals' formation based on the National Curricular Guide for related courses, in accordance with the proposals of the Education Ministry. The trends in education area, suggest professional formation centered not only in technical abilities, but also through relationship abilities development, as well as in attitudes and values that consider ethical-humanistic principles. The analysis of the related Curricular Guide allows to affirm that there is a strong movement towards human resources formation for health work, based on the ethical-humanist referential, contained in the essence of the document that guides the curricular reform in Brazil, consisting in one of the great challenges to change these professionals work and, consequently the entire healthcare system.

Key words: Education. National curricular guidelines. Human health resources. Humanism.

LA FORMACIÓN INTEGRAL DE LOS PROFESIONALES DE SALUD: POSIBILIDADES PARA LA HUMANIZACIÓN DE LA ASISTENCIA

RESUMEN

Este estudio teórico ha tenido como objetivo reflejar sobre la formación de los profesionales de salud adoptando por base las Directrices Curriculares Nacionales para los referidos cursos, de acuerdo con las propuestas del Ministerio de la Educación. Las tendencias en el área de la educación de manera general sugieren que la formación profesional sea conducida no sólo en las competencias técnicas, pero en el desarrollo de competencias relacionales, bien como en aptitudes y valores que consideren los principios éticos humanísticos. El análisis de las referidas Directrices Curriculares permítenos afirmar que hay un fuerte movimiento para la formación de los recursos humanos para la salud, fundamentada en el referencial ético humanista, contenido en la esencia del documento que orienta la reforma curricular en todo Brasil, constituyéndose en uno de los grandes desafíos para transformar la práctica de esos profesionales y consecuentemente la asistencia en la salud.

Palabras Clave: Educación. Directrices curriculares nacionales. Recursos humanos. Humanismo.

REFERÊNCIAS

- BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.
- BOURGUIGNON, D. R. et al. Recursos humanos em saúde: reflexões sobre o cotidiano do SUS que temos e as possibilidades do SUS que queremos. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 65, p. 310-315, 2003.
- BRANDÃO, D. M. S.; CREMA, R. **Visão holística em psicologia e educação**. São Paulo: Summus, 1991.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. Brasília, DF, 1998. **Diretrizes curriculares para os cursos de graduação**. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/Sesu/diretriz.shtm>> Acesso em: 7 nov. 2002.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Seminário humanizaus**. Brasília, DF, 2003. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/saude>>. Acesso em: 11 nov. 2004.
- CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES 3/2001. Dispõe sobre as diretrizes curriculares para o curso de graduação em enfermagem. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 9 nov. 2001. Seção 1, p. 37.
- DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. 4. ed. São Paulo: Cortez; Unesco, 2000.
- ESPERIDIÃO, E.; MUNARI, D. B. Repensando a formação do enfermeiro e investindo na pessoa: contribuições da abordagem gestáltica. **Rev. Brasileira de Enfermagem**, Brasília, DF, v. 53, n. 3, p. 415-423, 2000.
- ESPERIDIÃO, E. **Holismo só na teoria: a trama de sentimento do acadêmico de enfermagem sobre sua formação**. 2001. Dissertação (Mestrado) Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2001.
- ESPERIDIÃO, E.; MUNARI, D. B.; STACCIARINI, J. M. R. Desenvolvendo pessoas: a importância do autoconhecimento para a formação do enfermeiro. **Rev. Latino - Am. de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 10, n. 4, p. 516-522, 2002.
- ESPERIDIÃO, E. A relação professor-aluno e a construção da relação com o paciente. In: BRANCO, R. F. G. R. (Org.). **A relação com o paciente: teoria, ensino e prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. cap. 13, p. 97-104.
- ESPERIDIÃO, E.; MUNARI, B. D. Holismo só na teoria: a trama de sentimentos do acadêmico de enfermagem sobre sua formação. **Rev. Esc. Enferm USP**, São Paulo, v. 38, n. 3, p. 332-340, 2004.
- GEIB, L. **Educare: a pedagogia do cuidado**. Passo Fundo: UFP, 2001.
- GREINER, P. A.; VALIGA, T. M. Creative educational strategies for health promotion. **Holist. Nurs. Practic.**, Philadelphia, v. 12, n. 2, p. 73-83, 1998.
- MACHADO, J. L. M. et al. Uma nova iniciativa na formação dos profissionais de saúde. **Interface: comunicação, saúde, educação**, Brasília, DF, v. 1, n. 1, p. 147-156, 1997.
- MARTINS, M. C. F. N. **Humanização das relações assistenciais: a formação do profissional de saúde**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- MERHY, E. E.; FRANCO, T. B. Por uma composição técnica do trabalho em saúde centrada no campo relacional e nas tecnologias leves: apontando mudanças para modelos técnico-assistenciais. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 27, p. 316-323, 2003.
- MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente**. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

MORIN, E. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, repensar o pensamento. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

PESSOTI, I. A formação humanística do médico. **Medicina**, Ribeirão Preto, v. 29, p. 440-448, 1996.

REMEN, R. N. **O paciente como ser humano**. São Paulo: Summus, 1993.

ROGERS, C. R. **Liberdade de aprender em nossa década**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

ROGERS, C. R. **Terapia centrada no cliente**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

WEIL, P. **Organizações e tecnologias para o terceiro milênio**: a nova cultura organizacional Holística. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

Endereço para correspondência: Elizabeth Esperidião. Rua T-36, nº 3413, ap.602. Ed. Itacaré. Setor Bueno. CEP 74223-050 Goiânia - GO. E-mail: bethesper@yahoo.com.br

Recebido em: 24/05/2005

Aprovado em: 22/08/2005